

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

A bizarrice da negativa 5x2

Anahí Gabriella
gabinazeitona@gmail.com

A abolição da escravatura foi a primeira “grande promessa” de avanço no trabalho; só ocorreu após forte pressão externa e, claro, à brava resistência dos escravizados. Passou pelas negativas dos empresários e fazendeiros porque se valiam dos louros produzidos pelo sangue e suor dos escravizados.

O deputado Aníbal Toledo foi o primeiro relator da Lei de Férias no Brasil, sancionada em 24 de dezembro de 1925 pelo presidente Artur Bernardes, e inicialmente garantia 15 dias de descanso remunerado. A sanção presidencial causou reações diversas e não foi regulamentada de imediato. Só passou a efetivamente ser respeitada em outubro de 1927. O direito a 30 dias de férias só foi consolidado em 1977, sendo sancionada devido à forte pressão dos trabalhadores e sindicalistas.

A proposta do 13º salário foi formulada pelo deputado Aarão Steinbruch, em 1959, e sancionada pelo presidente João Goulart, em julho de 1962, no meio de grande comoção trabalhista e polarização

política ainda maior. E, claro, não foi bem recebida pelos empresários da época.

Sabe o que há em comum entre as três propostas e a proposta atual que determina o fim da escala 6x1? O denominador comum entre elas, apesar das ressalvas de que a economia quebraria, haveria riscos de demissões, um aumento na inflação e, sobretudo, perda na competitividade do mercado, é que nunca houve nada do que foi equivocadamente premeditado.

O Brasil não quebrou, não houve demissões em massa e não houve um aumento na inflação. Definitivamente, não houve perda de competitividade no mercado.

Então, o que mantém essa necessidade inflexível de manter tantos brasileiros em um regime de trabalho que é tão exaustivo e adoecedor? É pela falsa ideia de poder? Pela tentativa de impedir o pobre de ascender social e intelectualmente? Ou é pela tirania de manter o povo em uma escala puxada, arcaica, enquanto nossos políticos recebem um salário muito acima para “trabalhar três vezes na semana”?

Vocês estão “trabalhando” em nome de quem?

Não há estrelas em meu relógio de horas

Anderson Castro
oandersoncastro@gmail.com

Na literatura brasileira, Clarice Lispector eternizou, em “A Hora da Estrela” (1977), uma personagem marcada pela solidão de viver invisível à sociedade. Macabéa foi deixada para morrer, mas esqueceram de avisá-la. Ao fazer a protagonista acreditar em um futuro diferente após o encontro com uma cartomante, a autora nos entrega sua morte.

Antes do fim trágico, porém, notamos que Macabéa, sem amigos, vive em um pensionato no qual não encontra cor, tampouco beleza pela janela. No amor, é desprezada e tratada como “o cabelo na minha sopa, que não dá vontade de comer”. No trabalho, sofre abusos constantes do chefe, enquanto a colega de trabalho atinge sua autoestima, destrói qualquer perspectiva de felicidade e lhe rouba o namorado.

O fato é que ela não sofre pelas humilhações, pela solidão ou pela invisibilidade social, mas por acreditar que merecia aquela realidade. O mundo não

permitiu que Macabéa sonhasse; ensina-ram-lhe que deveria aceitar a realidade, e ela acreditou. Podemos compreender os sentimentos da personagem, com isso, questiona-se: Quem nos tornamos quando o mundo nos ensina que não merecemos sonhar?

Em outro contexto, imaginemo-nos cercados pelas pessoas que amamos, mas igualmente sós, visto que ignoram nossos sonhos e nos procuram apenas quando lhes é útil. Ao cobrar afeto ou apoio, recebemos silêncio; aos poucos, aprendemos que muitas relações se sustentam pela utilidade. Nesse cenário, o acesso a informações ampliou nosso contato com debates e métodos de defesa da saúde mental, permitindo que mais pessoas reconheçam sentimentos antes silenciados.

Assim como Macabéa, aprendemos que não merecemos sonhar e que devemos limitar nossos desejos ao que é aceitável para nossa classe social. E para alcançar nossos sonhos, muitas vezes precisamos enfrentar uma corrida solitária, pois não há estrelas marcando as horas em nossos relógios.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

chorOSAS

Maria Eduarda Tavares Tigre

Aluna do 3º ano do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas

És tu que põe a semente na terra,
Tu é quem a enterra e rega.
Espera do verão à primavera
Para ter uma rosa bela.
Tira a flor do teu solo
Para ter um buquê em seu colo.
Porém, ao espinho sua mão espetar,
Da querida flor vai se livrar.
Mas que erro!
Erro esse que não consigo compreender.
Como é fácil para muitos desamar.
Amanhã, sei que vai plantar cravos.
Encherá o campo, ceifando pastos.
E quando a colheita chegar,
E o espinho voltar a cortar,
Dos mil cravos irá se livrar.
Sabeis, então, que virão outras flores,
E quando suas pontas causam dores,
As matará, envenenará, destruirá.
Porém, se bem sabeis, que ela corta,
E ainda sim a cultiva em sua horta,
Abra a sua velha porta,
E faz como quem não se importa.
Tu conheces bem a verdade,
Sabeis que o botão não fere por maldade.
Portanto, deixe de queixas chorosas.
Ame os espinhos de tuas rosas.

Meu presente

Rachel Macedo
Professora

O ontem é lembrança
O amanhã não está garantido
Hoje, quero dançar com o presente
Sentir a brisa do agora
Sem ensaio ou coreografia
Vivo o que o mundo oferece
O presente está nas minhas mãos
Sinto o abraço
Danço com um sorriso
Ninguém está olhando
Todos estão na pista
Ouço a música, canto
Danço, não posso parar
Recebo o presente



Joinha

Jansen Viana

Bancário, escritor, dramaturgo, poeta, roteirista, chargista, cronista

Seis da manhã e eu fazendo meus esforços para sair da cama. Espreguicei o corpo, para um lado, para o outro, cabeça, braços e pernas, só os neurônios não acompanharam o ritmo. Elevei os pensamentos para me encher de boas energias, segundo a minha religião particular. Isso mesmo, tenho minha própria religião que eu mesmo inventei e é só minha, não reparto com ninguém. Curiosos? Segura, porque não vou contar.

Rotina da manhã: fazer café, tomar remédios, me aprontar, entrar no meu Versa 2018, ainda com cheiro de novo, verdade. Não gosto de dirigir, gosto de ter carro, mas não curto dirigir e nem entendo absolutamente nada de mecânica. É sair para o trabalho.

No caminho tem uma creche. No meu horário, as crianças chegam e, nesse mesmo instante, o trânsito para, ou

melhor, deveria parar. Nesse dia ninguém queria parar. Quando cheguei bem próximo, havia um pai na calçada segurando, numa mão, uma mochila escolar e, na outra, a coisinha mais fofa deste mundo. Cabelinho tipo Maria Chiquinha, farda branca e azul, olhar atento ao trânsito. Ela me viu, fitou meus olhos com semblante de preocupação. Parei o carro entre as duas faixas, tranquei a rua e eles começaram a atravessá-la.

Mas aí, presta atenção que agora vem o motivo desta nossa conversa: ela olhou para mim de novo, alfinetando meus olhos, deu o sorriso mais lindo deste mundo e fez um joinha. Aquela coisinha fofinha, lindinha.

Não vou escrever aqui em ta-tibitate, mas imagine e me ouça falando dessa forma.

Que joinha mais lindo. Gagnei o dia.

“Ela olhou para mim de novo, alfinetando meus olhos, deu o sorriso mais lindo deste mundo e fez um joinha.”

As megeras no ambiente de trabalho

Thaís Pereira

Membro do Conselho de Jovens Leitores O POVO

Lendo o livro “Sintomas” da escritora brasileira Marcela Ceribelli, logo no início traz reflexão do quão é importante nomearmos o que sentimos para poder entendermos. Não apenas o que sentimos, mas o que também vivemos. Por exemplo, quando o termo *mansplaining* é atribuído ao ato de um homem explicar a uma mulher algo, presumindo que ela sabe menos, mesmo quando ela sabe sobre. Por quanto tempo mulheres não passaram por isso, não que hoje tenha deixado de existir, mas é nomeado, e quando conseguimos nomear o que estamos sentindo ou passando fica mais fácil de saber como lidar, e essa é uma das reflexões iniciais do livro.

Quando li sobre *mansplaining* parei e refleti sobre as minhas experiências no mercado de trabalho e vi o quanto isso é rotineiro, principalmente quando nós mulheres estamos em um ambiente predominantemente masculino.

Quando nos deparamos com um ambiente predominantemente masculino, e tem um número irrisório de mulheres no “poder”, normalmente, a postura dessas mulheres em cargos de liderança, são denominadas como arrogantes, presunçosas, prepotente, megeras, dentre outros adjetivos nessa linha. Fico me questionando: será se essa não foi a forma que elas encontraram para se manter nesse local? Será que se passaram por arrogantes para conseguirem ter um mínimo de voz nesse ambiente?!

No filme “O diabo veste Prada”, em uma das falas de Andy “ela é durona, mas se Miranda fosse um homem, ninguémalaria nada a não ser do seu excepcional trabalho”, bem como em um trecho do livro “Comunhão” de Bell Hooks, no prefácio da edição brasileira, Livia Natália escreveu “mulheres poderosas, [...] entendem que só chegaram a esses lugares porque souberam se comportar como megeras”. Em um livro, em um filme, em uma música, no nosso dia a dia, nos deparamos com mulheres em cargos de liderança que são denominadas como megeras. E assim finalizo... que um dia essa denominação e essas atitudes também finalizem.